

CANSAÇO

1232
A verdade é que o Brasil às vezes enche... A gente vai achando interessante as conversas: o Presidente disse ao ministro fulano que o ministro sicrano era assim ou assado; ontem houve uma briga naquela "boite" entre fulano e sicrano por causa da mulher de beltrano; João conseguiu levantar 15 milhões de cruzeiros no Banco do Brasil; Pedro vai ser nomeado embaixador; Manuel já está arrumando as gavetas para deixar o cargo, Joaquim avalisou uma promissória em troca de uma promessa de Antonio de não atacar Fagundes; o deputado tal recebeu as provas de uma tremenda bandalheira que entretanto, ao que parece, não revelará; os generais Antão e beltão estão encabeçando um movimento no Exército no sentido de fazer sentir ao Ministro que não é conveniente a promulgação de tal projeto; Praxedes já está convidando gente para formar seu gabinete; um grupo de industriais vai promover uma campanha para evitar a exportação de barbatão para o Iran; um parente do presidente prometeu grandes ajudas se lhe derem a diretoria da associação meridional de tenentes de mesa... notícias sobre deputados estaduais e jogo de bicho, sobre Cexim, Cofap...

O Brasil, às vezes, enche. Principalmente nesta grande e quente aldeia que é o Rio de Janeiro onde, com meia hora de conversa em um clube ou uma "boite", qualquer pessoa fica sabendo das ligações, dos compromissos, das fraquezas e das terríveis intimidades de um pequeno grupo de pessoas que se ajudam, se enganam, se friccio-

nam, se alisam — essas pessoas que se acreditam e, ao menos aparentemente, são mesmo o Brasil. Pessoas eternas; podem sumir da vida pública de dois de anos e anos de destaque e também de incompetência, fraquesa, desonestidade; subitamente, alguém tem um ataque de imaginação e as chama de volta, como se houvesse neste país uma trágica miséria de gente.

Pedro Nava costuma dizer que o brasileiro é tão desleixado que só enterra o morto da família porque se não enterrar o morto começa a cheirar mal. Se não fosse isso — diz ele, que é médico, conhece por dentro a displicência de nossa gente — um parente deixaria que o outro fosse providenciar os papéis, o outro deixaria para amanhã, amanhã diria que afinal quem devia ver isso era o Tônico, e o Tônico prometia ver, mas depois que acabasse a irradiação do jogo, e afinal no dia seguinte explicaria que encontrara um amigo que tinha um conhecido numa empresa funebre e prometera ver se conseguia um enterro de primeira por preço de segundo — e assim por diante. A defesa do morto é mesmo cheirar mal. Mas a dos vivos, a de certos vivos, não. Parece que quanto mais cheiram mal, melhor. Por favor não pensem que eu estou me referindo a fulano ou a sicrano. Não estou me referindo especialmente a ninguém; estou apenas, neste fim de tarde, depois de um dia em que ouvi tanta conversa, um pouco fatigado de nosso querido Brasil.

Porque o Brasil, às vezes, enche.

RUBEM BRAGA

Out. 52